

Acontecendo que os Eleatas negavam o movimento⁴, Diógenes⁵, como é sabido⁶, avançou na qualidade de opositor; avançou realmente, pois não disse palavra alguma; antes se limitou a andar algumas vezes para a frente e para trás, com o que achava tê-los suficientemente refutado. Tendo-me ocupado durante bastante tempo, pelo menos ocasionalmente, com o problema de saber se uma repetição é possível e qual o significado que tem, de saber se uma coisa ganha ou perde em repetir-se, surgiu-me de súbito o seguinte pensamento: podes afinal ir a Berlim, já lá estiveste uma vez, e agora prova a ti mesmo se uma repetição é possível e o que significa⁷. Em casa, estava perto de ficar paralisado em torno deste problema. Diga-se o que se quiser sobre isto, a questão desempenhará um papel especialmente importante na filosofia moderna; pois *repetição* é uma expressão decisiva para aquilo que era «*recordação*» entre os gregos⁸. Tal como

4 Parménides (ca. 540/530-480/460 a.C.) e o seu discípulo Zenão (ca. 495/480-430/420 a.C.), ambos de Eleia; no sentido de pôr em causa a validade da experiência sensível, argumentavam que conceitos como o de movimento e o de mudança envolvem contradição.

5 Diógenes de Sínope (ca. 400-325 a.C.), fundador da escola cínica. O episódio é relatado por Diógenes Laércio: *Vidas*, VI, 2, 39.

6 Alusão à passagem das *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie* [Lições sobre a História da Filosofia] de Hegel em que o filósofo refere o episódio de Diógenes de Sínope começando com a expressão: «É sabido que...» *Georg Wilhelm Friedrich Hegel's Werke*, Volständige Ausgabe, 18 vols., Berlin 1832-45, vol. XIII, pág. 314; *Sämtliche Werke*, Jubiläumsausgabe, Stuttgart 1927 e sgs., vol. XVII, pág. 330; *Werke in zwanzig Bänden*, Suhrkamp, vol. 18, pág. 558.

7 Kierkegaard esteve em 1843 pela segunda vez em Berlim; nessa altura deu início à composição de *A Repetição*. O regresso a Berlim, para experimentar a possibilidade da repetição, estabelece desde já a distinção entre repetição exterior (a deste tipo) e repetição interior (que o livro desenvolverá fundamentalmente a propósito do Jovem).

8 Trata-se de uma referência à doutrina da anamnese, que surge em Platão como garantia da possibilidade de conhecimento das realidades imutáveis. Vd. Platão, *Ménon*, 80e-86c, e *Fedro*, 249b-c, 250, 275a.

estes ensinavam que todo o conhecer é um recordar, também a nova filosofia ensinará que a vida é toda ela uma repetição. O único filósofo moderno que teve um pressentimento disto foi Leibniz⁹. Repetição e recordação são o mesmo movimento, apenas em direcção oposta; pois aquilo que se recorda, foi, repete-se para trás; enquanto a repetição propriamente dita é recordada para diante. Deste modo a repetição, se é possível, faz o homem feliz, ao passo que a recordação o faz infeliz, isto designadamente sob condição de que ele a si mesmo conceda tempo para viver e não trate de encontrar logo no momento do seu nascimento um pretexto para se esgueirar outra vez da vida, por exemplo, ter-se esquecido de alguma coisa.

O amor da recordação é o único feliz, disse um autor¹⁰. Nisso tem também inteira razão, se nos recordarmos de que primeiro faz um homem infeliz. O amor da repetição é na verdade o único feliz. Tal como o da recordação, não tem a inquietação da esperança, não tem a alarmante aventura da descoberta, mas também não tem |10| a melancolia da recordação, tem sim a ditosa certeza do instante. A esperança é um vestuário novo, rígido e justo e brilhante, porém nunca o envergámos e portanto não se sabe como assentará ou como se ajustará. A recordação é um vestuário usado que, por belo que seja, não serve, porque não se cabe nele. A repetição é um vestuário inalterável que assenta firme e delicadamente, não aperta nem flutua. A esperança é uma deliciosa rapariga que se nos escapa por entre as mãos; a recordação é uma bela mulher avançada na idade com quem no entanto nunca se está bem servido no momento; a repetição é uma amada esposa de quem nunca se fica farto; porque só do novo se fica farto. Nunca se fica farto do que é velho; e, quando se tem o que é velho perante si, fica-se feliz; e só fica plenamente feliz aquele que se não ilude imaginando que a repetição deveria ser algo de novo; pois nesse caso fica-se farto dela. É preciso juventude para ter esperança, juventude para recordar, mas é preciso coragem para se querer a repetição. Porque aquele que apenas quer ter esperança é cobarde; aquele que apenas quer recordar é voluptuoso; mas aquele que quer a repetição é um homem, e quanto mais energicamente for capaz de a tornar clara para si próprio, tanto maior será a sua profundidade como criatura humana. Aquele, porém, que não com-

9 A referência é porventura à doutrina da «harmonia preestabelecida» de Leibniz.

10 A citação (aproximativa) é dos «Diapsalmata», de *Ou-Ou* — SV I, 28; SKS, vol. 2, 49-50: «[...] porque só o amor da recordação é feliz.»

preende que a vida é uma repetição e que essa é a beleza da vida, esse condenou-se a si mesmo e não merece melhor fim do que o que lhe acontecerá, ou seja, sucumbir; porque a esperança é um fruto sedutor que não satisfaz, a recordação é um pobre viático que não satisfaz; mas a repetição é o pão de cada dia que abençoadamente satisfaz. Se um indivíduo circum-navegou a existência, tornar-se-á evidente se tem coragem para entender que a vida é uma repetição e desejo suficiente para com ela se regozijar. Aquele que não circum-navegou a vida antes de começar a viver nunca chegará a viver; aquele que a circum-navegou, e porém ficou satisfeito, tinha uma fraca constituição; aquele que escolheu a repetição, esse vive. Não corre como um rapaz atrás de borboletas, nem se põe em bicos de pés para vislumbrar as maravilhas do mundo, pois que as conhece; nem se senta como uma velha mulher fiando na roca da recordação; antes avança calmamente pelo seu caminho, contente da repetição. Sim, se não houvesse a repetição, o que seria a vida? Quem poderia desejar ser uma ardósia na qual o tempo inscresse a cada instante um novo texto, ou ser um memorial de coisas passadas? Quem poderia desejar deixar-se mover por tudo o que é efêmero, pelo novo, que constantemente entretém a alma, amolecendo-a? Se o próprio Deus não tivesse querido a repetição, ||1|| o mundo nunca teria surgido. Deus teria seguido os planos superficiais da esperança, ou teria voltado a retirar todas as coisas e tê-las-ia preservado na recordação. Não o fez, por isso continua a haver mundo, e continua a haver pelo facto de ser repetição. A repetição é a realidade, e é a seriedade da existência. Aquele que quer a repetição amadureceu em seriedade. Esta é a minha declaração de voto, e isto também quer dizer que a seriedade da vida não é de todo alguém sentar-se no seu sofá e palitar os dentes — e ser-se alguém, por exemplo, conselheiro de justiça¹¹; ou andar com ar grave pelas ruas — e ser-se alguém, por exemplo, reverendíssimo¹²; do mesmo modo que não é a seriedade da vida ser-se estribeiro-mor da casa real. Tudo isso, aos meus olhos, não passa de facécia, e por vezes bastante pobre.

O amor da recordação é o único feliz, disse um autor¹³ que, pelo que dele conheço, é por vezes algo falacioso, não no entanto no senti-

11 «Justitsraad»: título correspondente ao lugar número 1 da 5.^a ordem na escala honorífica instaurada por legislação de 1746, revista em 1808.

12 «Velærværdighed»: título honorífico reservado ao clero.

13 O próprio Kierkegaard; cf. nota 10.

do de dizer algo querendo dizer outra coisa, mas no sentido de que coloca o pensamento em extremo, de tal modo que, se este não for captado com a mesma energia, se apresenta no momento seguinte como algo de diferente. A dita frase é apresentada por ele de tal maneira que facilmente se é tentado a conceder-lhe razão e portanto a esquecermos de que a própria frase é a expressão da mais profunda melancolia, de modo que um humor profundamente sombrio, concentrado num único enunciado, dificilmente poderia exprimir-se melhor.

Há aproximadamente um ano sucedeu-me ficar muito seriamente atento a um jovem de quem até então me aproximara já com frequência¹⁴, porque o seu belo aspecto, a expressão dos olhos plena de sentimento, tinha sobre mim um efeito quase tentador; uma certa maneira de lançar a cabeça, uma malícia nas suas afirmações, convenceram-me de que se tratava de uma natureza mais profunda, que tinha mais do que um só registo, ao mesmo tempo que uma certa insegurança nas inflexões dava a entender que se encontrava naquela cativante idade em que a maturidade do espírito, tal como acontece com a do corpo num tempo bastante anterior, se faz anunciar por uma frequente alteração no tom da voz. Com o auxílio desses encontros triviais que aproximam as pessoas nos cafés, já me fora dado puxá-lo até mim e ensiná-lo a ver-me como um confidente cujo discurso, sob forma refractada, seduzia de várias maneiras o que nele havia de melancólico, uma vez que eu, como um Farinelli, atraía o rei demente para fora do seu escuro esconderijo¹⁵, algo que, porque o meu amigo era ainda jovem e dúctil, podia ser feito sem ser necessário usar o fórceps. Era essa a nossa relação quando, como disse, há cerca de um ano, ele veio ter comigo comple-

14 Hirsch faz notar que o verbo usado, «berøre», tanto pode significar «aproximar-se» como «tocar», designadamente «tocar com os dedos num instrumento», e que consequentemente esta passagem pode ser interpretada no sentido de que Constantin encara o Jovem como um instrumento no qual pode tocar diversas melodias. Esta interpretação não deixa de ser consonante com a vertente artística do «experimentalismo» deste texto; cf. nota 1.

15 Farinelli foi o nome artístico de Carlo Maria Broschi (1705-1782), famoso *castrato* italiano. Pontificou durante vários anos na corte de Espanha onde, a pedido da rainha consorte, Isabel de Farnesio, cantava para o monarca Felipe V (rei entre 1700 e 1746, com uma curta interrupção em 1724), no intuito de lhe aliviar as crises de depressão. Em 1737 foi designado músico de câmara do rei e só abandonou Espanha em 1759. Em 1837 estreou no Teatro Real de Copenhaga uma peça com o nome do cantor, da autoria do francês Georges Henri Saint-Georges, traduzida por J. L. Heiberg (vd. adiante, nota 31); o episódio relativo às crises depressivas do rei de Espanha ocorre no III acto, cena 12.

tamente fora de si. A sua postura era mais vigorosa do que habitualmente, [12] a sua aparência mais bela, os seus grandes olhos radiosos haviam-se dilatado, resumindo, vinha como que transfigurado. Quando me comunicou que estava apaixonado, pensei involuntariamente que era sem dúvida afortunada a rapariga que era amada de uma tal maneira. «Já estava apaixonado há algum tempo, mas até de mim escondera esse facto; agora, porém, chegara ao objecto dos seus desejos, declarou-se e encontrara recíproco amor.» Se bem que em outras circunstâncias a minha tendência seja comportar-me com as pessoas como observador, era-me impossível proceder assim com ele. Diga-se o que se quiser, um jovem profundamente apaixonado é algo de tão belo que ao pormos nele os olhos esquecemo-nos da observação por força da alegria que tal visão nos dá. Em geral todas as emoções humanas profundas desarmam no homem o observador que nele possa haver. Querer observar só acontece quando em vez de tais emoções se encontra um vazio ou quando alguma coquetaria as encobre. Testemunhando-se o acto de um homem que reza com toda a sua alma, quem poderia ser inumano ao ponto de ficar a observá-lo friamente, quem não se sentiria antes invadido por uma emanção do fervor desse indivíduo posto em oração. Pelo contrário, se se ouve um pastor declamar um sermão muito estudado em que, sem solicitação da parte da comunidade dos auditores, usa repetidas vezes uma mesma passagem artificialmente torcida e retorcida para dar testemunho de que o que diz é a simples fé, a qual nada entende de fraseados elegantes, mas que lhe permite alcançar na oração aquilo que, de acordo com as suas palavras e supostamente por boas razões, debalde procurou na poesia, na arte e na ciência, aí colocamos muito calmamente o microscópio à frente dos olhos, não deixamos que os ouvidos engulam simplesmente o que é dito, antes descemos a persiana, a grelha da crítica que põe à prova cada som e cada palavra. O jovem de quem falo estava tomado de um amor profundo e sincero e belo e humilde; há muito tempo que não me sentia tão contente como ao olhar agora para ele; porque muitas vezes é bastante triste ser-se observador; é algo que nos torna melancólicos como se fôssemos polícias; e quando um observador cumpre bem a sua função haverá de ser encarado como um espião da polícia que presta altos serviços; porque a arte do observador é expor o que está escondido. O jovem falava da rapariga por quem estava apaixonado, mas não usava muitas palavras; o que dizia não era uma análise insípida, ao contrário do que muitas vezes acontece com os elogios dos apaixonados;